

Drummond diferente: um olhar homossocial

José Luiz Foureaux de Souza Jr. | UFOP

Resumo: A poesia e a prosa de Drummond são, constantemente, revisitadas no intuito de realizar as mais diversas leituras. Dois textos em especial me chamam a atenção aqui, o conto “O sorvete” e o poema “Rapto”. Em ambos é possível “ler” a operacionalidade teórico-interpretativa do princípio da homossociabilidade, como um vetor a mais para a orientação da já vasta fortuna crítica do autor. Severo e circunspeto por natureza, o poeta construiu uma persona poética que está longe de explicitar o referido princípio, enquanto tema de “realização” poético-ficcional em seus textos. No entanto, o mesmo lirismo que já é reconhecido pela crítica faz renovar os possíveis sentidos dos textos drummondianos, na perspectiva da recepção literária. Assim a historiografia literária vê contemplada, mais uma vez, a demanda de releitura de seus(s) próprio(s) cânone(s), fazendo com que o exercício crítico-interpretativo seja praticado, acrescentando elementos diferenciados à já variada fortuna crítica do autor.

Palavras-chave: lirismo, historiografia, homossociabilidade, recepção.

*Para José Carlos Barcellos
Amigo, exemplo brilhante e constante interlocutor*

De que é feito um texto? Fragmentos originais, montagens singulares, referências, acidentes, reminiscências, empréstimos voluntários. De que é feita uma pessoa? Migalhas de identificação, imagens incorporadas, traços de caráter assimilados, tudo (se é que se pode dizer assim) formando uma ficção que se chama o eu. (...) A incerteza quanto à paternidade dos livros se conjuga com a fragilidade quanto à permanência e à identidade do eu.

Michel Schneider, Ladrões de palavras

No atual contexto dos estudos literários, há uma grande discussão acerca dos estudos culturais e sua relação com a Literatura, *per se*. Pode ser que haja quem negue a efetividade de tal situação, mas ela é patente. Nesse sentido, os estudos culturais têm aberto uma série de possibilidades metodológicas e,

por que não, epistemológicas para os estudos literários – e vice-versa! Com isso também muita gente não concorda. Aqui, vou partir do pressuposto de que essa interlocução pode ser pensada como uma via de mão dupla e, sem receio de ir “nadar contra a corrente”, reivindicarei o direito de dizer que a idéia inicial é: a Literatura pode oferecer muitas possibilidades não apenas para a ampliação, mas, antes, para a manutenção dos estudos literários. É claro que com essa declaração não estou negando as demais possibilidades de articulação.

Uma primeira versão – bem menos alentada e mais descompromissada teoricamente – desse texto foi apresentada como comunicação, em duas oportunidades: na 53ª conferência da Universidade do Kentucky, em Lexington, 2000 e, no mesmo ano, no encontro anual da Associação Americana de Professores de Espanhol e Português, AATSP, em San Francisco. O fato de repetir a leitura do *paper* inicial se deve, em parte, ao inusitado da proposta, ainda (àquela altura) não encontrado na fortuna crítica do autor. Por outro lado, a versão agora apresentada vem acrescida de observações e discussões já realizadas nos referidos fóruns e, além disso, apresenta (implicitamente) um plano de trabalho já em desenvolvimento. Trata-se de um volume, de cunho teórico-metodológico, acerca da contribuição do pacto homossocial sobre a Teoria da Literatura contemporânea e sua eficácia na formulação de uma hermenêutica homoerótica: instrumento mais que necessário na cena dos estudos literários e culturais.

Como o texto que ora se inicia quer, antes de qualquer coisa, exercitar seu direito à leitura, como supõe implicitamente a sua epígrafe, penso que tenho que fazer um preâmbulo para a preparação do terreno em que desejo caminhar. É óbvio que não existe apenas um modo de ler, mas existe uma razão para ler. Essa prática, então, pode estar associada a uma espécie de prazer solitário, como quer Harold Bloom:

Ler bem é um dos grandes prazeres da solidão; ao menos segundo minha experiência, é o mais benéfico dos prazeres. Ler nos conduz à alteridade, seja à nossa própria ou à de nossos amigos, presentes ou futuros. Literatura de ficção é alteridade e, portanto, alivia a solidão. Lemos não apenas porque, na vida real, jamais conheceremos tantas pessoas como através da leitura, mas, também, porque amizades são frágeis, propensas a diminuir em número, a desaparecer, a sucumbir em decorrência da distância, do tempo, das divergências, dos desafetos da vida familiar e amorosa.¹

1. BLOOM, 2001. p. 15.

É claro que a amizade é um, dentre os temas presentes nos dois textos de Carlos Drummond de Andrade, objeto de minhas especulações aqui. As palavras de Bloom fazem pensar sobre o papel da leitura, não apenas enquanto exercício de hedonismo intelectual, mas enquanto prática formadora, uma vez que ela se dá, no contexto presente, no âmbito da universidade. Por isso mesmo, ela parece fazer mais sentido quando se consolida enquanto uma prática e não enquanto uma teoria. Explico-me: não vou tentar convencer meu leitor a aceitar que determinada orientação teórica é mais adequada ou melhor para abordar os textos de Drummond a serem analisados aqui. De um lado, essa posição se justifica porque não vou tomar a “amizade”, enquanto tema, como um valor circunscrito aos “estudos de gênero”, em seu sentido mais estrito, mas, sim, em seu sentido mais largo. Note-se que a amizade a que me refiro aqui aparece explicitamente tematizada no conto de Drummond; daí a possibilidade de se vislumbrar, no horizonte de expectativas da leitura dos textos em questão, uma possível e consistente referência aos “estudos de gênero”:

A pretensão é (...) entender o gênero como constituinte da *identidade* dos sujeitos (...) tendo identidades plurais, múltiplas; identidades que se transformam, que não são fixas ou permanentes, que podem, até mesmo, ser contraditórias. (...) O gênero institui a identidade do sujeito (assim como a etnia, a classe, ou a nacionalidade) (...) algo que transcende o mero desempenho de papéis (...).²

Assim, ao ler e interpretar, deve-se procurar explicitar o que está implícito na obra analisada; perceber e articular o que pode e deve ser explicitado. Não se pode esquecer que o exercício da leitura é, entre outras coisas, uma espécie de fortalecimento do ego, uma tomada de consciência dos autênticos interesses do ego, ainda que essa autenticidade, em si mesmo, seja questionável. O prazer da leitura é pessoal e não social, como diz Bloom. Pesando e medindo bem as palavras do crítico, pode-se concordar com ele, quando afirma:

Hoje em dia, a maneira como lemos depende, em parte, da distância em que nos encontramos das universidades, onde a leitura não é ensinada como algo que proporciona prazer, isto é, segundo os significados mais profundos da estética do prazer (...). Se resta à crítica literária, hoje em dia, alguma função, esta será a de dirigir-se ao leitor solitário, que lê por

2. LOURO, 1999. p. 24-25.

iniciativa própria, e não segundo interesses que, supostamente, transcendam o ser.³

Adiante, então, com essa prática solitária!

Sobre Carlos Drummond de Andrade, uma “unanimidade nacional” quando se fala em poesia, quase mais nada poderia ser dito, não fosse a inesgotável riqueza de seus versos. Sim, seus versos são a sua tradicional carteira de identidade literária. Sob esse viés, Alfredo Bosi, a propósito de observação anotada por Otto Maria Carpeaux, referindo-se à poesia de Drummond como sendo a “expressão duma alma muito pessoal”,⁴ comenta:

Parece-me que “alma muito pessoal” significa, no caso, a aguda percepção de um intervalo entre as convenções e a realidade: aquele hiato entre o parecer e o ser dos homens e dos fatos que acaba virando matéria privilegiada do humor, traço constante na poesia de Drummond. A prática do distanciamento abriu ao poeta mineiro as portas de uma expressão que remete ora a um arsenal concretíssimo de coisas, ora à atividade lúdica da razão, solta, entregue a si mesma, armando e desarmando dúvidas, mais amiga de negar e abolir que de construir (...).⁵

Na perspectiva instaurada pela observação de Alfredo Bosi, gostaria de destacar o papel fundamental na elaboração de um discurso crítico sobre a obra do poeta, desempenhado pelas expressões “intervalo”, “hiato”, “distanciamento” e “atividade lúdica”. Essas seriam quatro expressões necessárias ao desenvolvimento do ensaio de leitura que apresento aqui. O tom pessoal da poesia de Drummond confirma a “máxima” que considera a sua posição *gauche*, que marca a produção do próprio poeta: “Quando nasci, um anjo torto / desses que vivem na sombra / disse: Vai Carlos! ser *gauche* na vida.”

Em versos inaugurais, de um poema igualmente inaugural, o poeta aponta, mesmo que muitos desejem negar, para o lado esquerdo da vida, para aquilo que está oculto, para alguma coisa que se esconde e insiste em ficar na sombra, à margem, numa espécie de limbo significativo que não deseja outra coisa senão ser e estar. Ser *gauche* não é exatamente se anular, muito antes disso, essa

3. LOURO, 1999. p. 18-19.

4. CARPEAUX, 1943. p. 331.

5. BOSI, 1994. p. 441.

“posição” marca um lugar outro que, em muitas circunstâncias, denuncia uma fobia implícita de quem não está aí, nesse mesmo lugar. É nesse sentido que as quatro expressões destacadas na observação de Alfredo Bosi fazem eco aos versos inaugurais de Drummond, na proposta de leitura que se anuncia no título desta comunicação: ler Drummond por um outro viés, no hiato de ressonâncias semântico-culturais que sua literatura explicita; ler o poeta num intervalo constituído pelo distanciamento do sujeito crítico em relação a um cânone que não suporta mais sustentar as leituras que se anunciam pela contramão; ler Drummond, afinal, como *corpus* de uma atividade crítica que, para além de uma seriedade questionável e engessante, anuncia, mais uma vez, o prazer da leitura, no próprio prazer do texto, o lado esquerdo da página impressa.

A proposta, então, não pode ser sustentada apenas pelos textos poéticos. Na direção contrária da tradição anuncio o encaminhamento da leitura para os textos em prosa, especificamente para um conto, “O sorvete”, da coletânea *Contos de aprendiz*, publicada em 1951.⁶ É claro que não poderia fazê-lo sem o recurso à poesia; por isso mesmo, tomo aqui, como contraponto dialógico-comparatista, o poema “Rapto”, que faz parte do livro *Claro enigma*, também de 1951.⁷ Com esses dois textos é que pretendo esboçar essa linha de interpretação, um exercício lúdico da hermenêutica, na direção apontada pelo princípio da homosociabilidade, cunhado por Eve Kosofsky Sedgwick – na tentativa de estabelecer um parâmetro novo de leitura, que aponta para o homoerotismo anunciado.

Por outro lado, o espelhamento do silêncio, no título, vai ser objeto de considerações que partem do pressuposto de que uma certa specularidade da/na tradição abre a porta da criatividade literária, no sentido de conduzir o leitor pelo olhar “enviesado” de um discurso silenciado pela própria tradição – o que, num segundo momento, poder-se-ia identificar como um discurso homofóbico. Isso vai constituir o que chamo de “esquecimento” da crítica, quando não ousa ultrapassar os limites de seu próprio absolutismo, ainda que esclarecido.

A epígrafe, na tentativa de dar um caminho possível para questionar a constituição de um sujeito, o autor de um livro, conjuga pessoa e texto, numa série de possibilidades que, sintomaticamente, não incorpora a que mais me

6. ANDRADE, 1988. p. LV.

7. ANDRADE, 1988. p. LV.

interessa: o esquecimento. De certa forma, a partir dessa chave de leitura, esquecer também é um processo que pode contribuir para a concepção de uma obra de arte. O sujeito que esquece é também um produtor de conhecimento, pois é necessário ter “elaborado” algo para que se possa esquecer. Assim não fosse, Freud não teria tido tanto trabalho para explanar sobre os lapsos e os chistes que tanto apavoram um inconsciente deslumbrado com as suas próprias possibilidades: uma espécie de narciso psíquico. Nesse sentido, começo pensando em sentidos que se comprometam com esse verbo “esquecer”.

No dicionário, esse verbo – que no latim vulgar significa *excadescere*, ou seja, cair, considerando-se as formas arcaicas “*escaecer*” e “*esqueecer*” – apresenta as seguintes acepções: como verbo transitivo direto, deixar sair da memória, perder da lembrança, pôr de lado, desprezar, olvidar, perder o amor, a estima, deixar por inadvertência, procurar não se lembrar, tirar da memória, distrair-se de, largar; como verbo transitivo indireto, sair da lembrança, passar despercebido, escapar; como verbo intransitivo, escapar da memória, ficar no esquecimento, ser esquecido, não ser mencionado, ser omitido, perder a sensibilidade, ficar tolhido, distrair-se de coisas desagradáveis; e como verbo pronominal, perder a lembrança, deixar sair da memória, olvidar-se, não se lembrar, descuidar-se, descurar-se, distrair-se, perder a habilidade adquirida, estar absorto, enlevar-se. A cada uma dessas acepções eu poderia apor um exemplo, mas não vem ao caso. O verbo esquecer foi por mim “lembrado” por força do título desta comunicação, consequência do tema geral desse encontro, “a palavra esquecida”.

O que desejo ressaltar é que, em qualquer das acepções do verbo, a presença do sujeito é explicitada de maneira direta ou indireta, conforme a transitividade ou não do verbo ou, ainda, de seu estado “pronominal”. De qualquer maneira, o ato de esquecer, então, não constitui uma atividade gratuita ou, mesmo, involuntária. Ainda que não se tenha consciência do esquecimento, a vontade de esquecer se manifesta, com qualquer motivo possível para as devidas explicações. Trata-se, portanto, de um “ato” que se corporifica, inclusive, pela leitura; uma vez que a partir dela pode-se estabelecer parâmetros mínimos de análise, interpretação e crítica.

Da mesma forma, a historiografia pode ser acometida por esse “lapso”, aparentemente involuntário, como já se disse, mas que, ao fim e ao cabo, acaba por revelar intenções outras, mecanismos difusos, discursos concorrentes que legitimam um “cânone”. A partir disso, uma outra História da

Literatura pode ser escrita, sem correr o risco de ferir as suscetibilidades da tradição. É nessa chave de leitura que pretendo especular um pouco sobre uma forma de leitura “esquecida” pelo cânone da historiografia brasileira, quando lida com seu poeta maior. Para dar início às minhas elucubrações, apresento o poema:

Se uma águia fende os ares e arrebatada
esse que é forma pura e que é suspiro
de terrenas delícias combinadas;
e se essa forma pura, degradando-se,
mais perfeita se eleva, pois atinge
a tortura do embate, no arremate
de uma exaustão suavíssima, tributo
com que se paga o vôo mais cortante;
se, por amor de uma ave, ei-la recusa
o pasto natural aberto aos homens,
e pela via hermética e defesa
vai demandando o cândido alimento
que a alma faminta implora até o extremo;
se esses raptos terríveis se repetem
já nos campos e já pelas noturnas
portas de pérola dúbia das boates;
e se há no beijo estéril um soluço
esquivo e refochado, cinza em núpcias,
e tudo é triste sob o céu flamante
(que o pecado cristão, ora jungido
ao mistério pagão, mais o alanceia),
baixemos nossos olhos ao desígnio
da natureza ambígua e reticente:
ela tece, dobrando-lhe o amargor,
outra forma de amar no acerbo amor.

O último verso do poema, “outra forma de amar no acerbo amor”, dá a exata medida do que pretendo aqui: uma outra forma de ler Drummond. O verso fecha o conjunto de 25 que compõem o poema, um tanto hermético, que, no entanto, apresenta alguns signos desse amor inefável, signos nem sempre explícitos. O primeiro deles refere-se a uma passagem da mitologia greco-latina, especificamente, a figura de Ganimedes. Nesse verso, o adjetivo “acerbo” tem que ser destacado. O verbete dicionarizado diz o seguinte: [Do lat. *acerbu.*], Adj. Azedo, amargo, duro, difícil, árduo; duro, áspero; cruel,

doloroso; mordaz, maldoso, amargo; rude, insolente, desabrido. Trata-se de uma qualificação em nada condizente com a representação cultural mais popular desse “sentimento universal”. No entanto, essa diferença pode ser lida como um discurso dissimulado acerca de amores outros, que não são “amargos” em si mesmos, mas assim tornados por força de elementos extrínsecos à própria semântica do termo. Estou a falar das forças coercitivas da cultura social que impõem padrões de comportamento, inclusive, no que diz respeito aos sentimentos, mesmo os mais íntimos.

A referência ao “mito” de Ganimedes se faz da mesma forma “indireta”. Esta se apresenta logo na abertura do poema, em seus dois primeiros versos: “Se uma águia fende os ares e arrebatada / esse que é forma pura e que é suspiro”. Esses dois versos são suficientes para evocar a figura daquele que se tornou objeto de desejo do próprio Zeus que, enviando sua águia – ou transformando-se, ele próprio, nela – rapta o “mancebo”, com o auxílio de Eros, conforme referência do Prof. Junito Brandão.⁸ Zeus o faz, cedendo à sedução da beleza de Ganimedes que se tornou o copeiro no Olimpo.

Esses versos, em si mesmos, já podem sustentar a hipótese de leitura da operacionalidade do princípio da homosociabilidade e, nesse caso, ir além de um mero recurso “poético”, para falar dos laços que o homoerotismo pode explicitar na construção poética de Drummond. Há quem enverede por esse caminho, fazendo alusão à galeria Alasca, em Copacabana, quando o poeta se refere às “portas de pérola dúbia das boates”. Para quem conhece o lugar, a referência é direta; no entanto, afirmar que o poeta se refere aqui exatamente às boates que existiram naquela galeria é forçar um pouco a barra. Na verdade, Drummond poderia, mesmo, estar se referindo a lugares como o “Sótão” ou o “Les jardins”, mas isso não é relevante e nem tem sentido confirmar (ou não) se é a esses locais que ele se refere.

O que vale aqui é destacar a força do verso que aponta para uma leitura já anunciada nos referentes mitológicos que tendem a constituir um substrato discursivo problematizador da questão do homoerotismo, dado o seu caráter “hermético” que “vai demandando o cândido alimento” do amor, uma vez que ele se conquista para o gozo “de terrenas delícias combinadas”. O adjetivo final desse verso, nesse sentido, é sintomático, uma vez que o contrato homoerótico é uma combinação de desejos considerados “desviantes”e, por

8. BRANDÃO, 1989. v.2, p. 217 (nota de rodapé n. 111).

isso mesmo, a “combinação” faz parte do jogo de sedução e de busca de prazer, à margem das convenções sociais que determinam a liberação de ritos “herméticos” para o amor, caso ele se dê entre pessoas de sexo diferente.⁹

Num movimento de conclusão, os versos “e se há no beijo estéril um soluço / esquivo e refochado, cinza em núpcias, / e tudo é triste sob o céu flamante / (que o pecado cristão, ora jungido / ao mistério pagão, mais o alanceia)” podem ser, por que não, a sinalização de uma visada homoerótica. O que mais explícito que o “pecado cristão”, senão a prática do amor que não ousa dizer seu nome? Por que não ele? Dever-se-ia ler esses versos como uma referência apenas ao adultério ou à luxúria? Se o pecado está associado “ao mistério pagão” e, no mesmo poema, ao mito de Ganimedes – um ícone dessa famigerada subcultura homossexual – comparece explicitamente, por que não ler nesses versos a alusão aos amores nefandos, culturalmente associados a práticas “noturnas”, escondidas e proibidas?

De mais a mais, a esterilidade do beijo, sugerida nos versos, e a referência às “cinzas” – resto, dejetos, sujeira, morte, esterilidade – confirmam a plausibilidade da leitura e o “esquecimento” homofóbico da crítica, uma vez que esses referentes consolidam a imagem (ainda que estereotipada) do homoerotismo e de suas idiossincrasias. A negação dessas peculiaridades de leitura desvela um olhar homofóbico que em nada contribui para a continuidade de leitura da poesia de Drummond.

Por fim, o movimento para baixo, no convite do poeta “baixemos nossos olhos ao desígnio / da natureza ambígua e reticente: / ela tece, dobrando-lhe o amargor, outra forma de amar no acerbo amor.” O discurso poético, aqui, parece funcionar como uma conclusão coerente. Dadas as circunstâncias culturais de evolução do conceito de homoerotismo, como bem o demonstra Jurandir Freire Costa, esse “olhar para baixo” aponta para a visão moralista da sociedade que associa a prática do sexo entre iguais, portanto, sem a preocupação procriativa, como uma coerção dos “baixos instintos”, o que faria com que o sujeito fosse submetido ao nível mais baixo de sua condição (também) animal.

Da mesma forma, a “natureza ambígua e reticente” aponta para questões identitárias que, teoricamente, vêm se debatendo entre as correntes essencialistas e construcionistas, para explicar a condição homossexual, o que é reforçado pelo verbo “tecer”, termo que abre a possibilidade de considerar a

9. Cf. BAUDRILLARD, 1991.

veracidade da idéia de que as identidades são urdidas cultural e socialmente – numa clara e inquestionável associação da leitura aqui realizada às teses de orientação construcionista, no que diz respeito aos processos de constituição de identidades sexuais. Fica mais fácil, então, aceitar a associação do “amargor” duplicado do já “acerbo” amor, pois, já que etimologicamente é possível associar amor a sofrimento – Platão é uma referência obrigatória aqui – o amor que não ousa dizer seu nome duplica esse sofrimento, por força de sua própria condição “ambígua e reticente” que, pela própria voz poética, “mais o alanceia” (o verbo alancear, no dicionário, apresenta o seguinte verbete: [De a-2 + lança + -ear2.], V. t. d. Ferir com lança, lancear; ferir, pungir; atormentar, afligir; espicaçar, estimular). Os desdobramentos semânticos e sua reverberação no discurso hermenêutico do homoerotismo são por demais explícitos aqui, não cabendo, pois, demorar-me mais sobre esse tópico.

De outro lado, o conto “O sorvete” vai suscitar uma série de associações que confirmam a hipótese de leitura do princípio da homossexualidade, nos textos drummondianos. Por uma questão de espaço, não vai ser possível reproduzir aqui o texto do conto, mas estou apostando na curiosidade (ou memória na do leitor!), para buscar a “fonte” e tomar conhecimento da história “toda”. No terceiro parágrafo do relato, pode-se localizar uma série de elementos que direcionam para a efetividade do referido princípio:

Eu tinha onze anos, Joel treze, o que, além do tamanho, lhe bastava para se atribuir definitiva autoridade sobre mim. Na realidade, Joel era meu comandante. Já exercia o comando na cidadezinha onde crescêramos amigos inseparáveis; diante do espetáculo da “cidade grande”, minha timidez xucra apoiava-se na sua capacidade de resolver, dirimir e providenciar, atributos que sempre me faleceram. Quando meu pai se decidira a internar-me naquele colégio distante, o pai de Joel considerou que devia fazer o mesmo com seu filho. O prazer que isso me causou não vinha somente de que eu teria a meu lado o amigo mais agradável e com quem me entedia melhor; era ainda como se eu vagamente considerasse Joel um protetor, um guia cômodo, e pressentisse nele o escudo contra os perigos ainda nebulosos da vida no internato e na capital, e, porque nebulosos, maiores.¹⁰

Num registro muito menos erótico que no texto do poema, o narrador aqui estabelece os termos mínimos do contrato homossexual, típico

10. ANDRADE, 1988. p. 1153-1157.

da relação de amizade entre os dois garotos do interior de Minas, quando chegando à capital, a caminho do internato. A surpresa do contato com a “cidade grande” e o mistério que envolve o internato fazem com que o protagonista-narrador se sinta protegido pela amizade de Joel, seu companheiro desde sempre, que com ele é mandado para o colégio – provavelmente, o Caraça. Esse contrato é que vai guiar a narrativa pelas aventuras e desventuras dos dois amigos, tanto nos segredos do colégio, quanto nas aventuras pela capital mineira, com seus cinemas, confeitarias e parques: um mundo novo.

O narrador protagonista revela que a autoridade sobre ele é inquestionável, ele não deixa de aceitar isso, de maneira tranqüila. Ele admira esse poder, a superioridade do “fortíssimo Joel”, como vai dizer mais adiante. Esse desenho de relação aponta para um estereótipo de comportamento social que pode, na presente leitura, reiterar o contrato homosocial que vincula os dois garotos interioranos, em suas andanças pela cidade grande, uma vez que o sorvete é que vai ser o signo do interesse comum entre eles. De mais a mais, o mesmo tipo de situação vai ocorrer mais ao final do relato, quando o ato de comer o sorvete se torna insuportável: “Joel percebeu meu desconforto sem apoiá-lo, e com um olhar peremptório baixou-me esta ordem, entre dentes: – Acabe com isso se não quer ficar desmoralizado”.¹¹

Nessa passagem, o que fica claro é, de novo, o jogo homosocial, que coloca em cena os princípios de formação social e civilidade, preconizados pelo discurso do narrador, na afirmação de valores que não podem deixar de ser respeitados, sob pena de reprovação social: “uma noção dos Mendonça”, como o próprio narrador vai dizer mais adiante; uma atitude comum que deveria ser tomada, uma vez que o superior mostra para seus subalternos o que deve e o que não deve ser feito, no caso, uma decisão tomada a partir “do corpo de doutrina dos Mendonça”. Tudo isso em nome da educação comum que ambos receberam e que, numa situação particular – imprevista, nas palavras do narrador –, faz-se mais que necessária, inquestionável e obrigatória. Ao final, o narrador desabafa:

Sucedede que aquilo que nos é penoso fazer, por iniciativa própria, mas sabemos necessário, se torna fácil de executar quando um poder estranho no-lo determina. Todo o encanto do sorvete estava perdido. Mas restava um dever do sorvete a cumprir, um dever miserável. Refreando as lágrimas,

11. ANDRADE, 1988. p. 1153-1157.

o desapontamento, a dor que um filho de boa família não pode sentir em público, mastiguei as últimas porções daquela matéria atroz.

Joel olhou-me de novo, já agora aprobativo e cordial. Ele também sofrera bastante, mas a vida é um combate. O garçom aproximou-se. Joel pôs a mão no bolso, perguntou quanto era.

O dinheiro não chegava.¹²

Ora, é claro que fica explicitado, mais uma vez, o comprometimento do princípio da homosociabilidade na cena, uma vez que o objetivo comum é afirmado: terminar o sofrimento de tomar o sorvete. Isso remete à idéia de que existe um desejo comum, responsável pela aura de sedução que envolve e compromete as duas personagens do conto: tomar o sorvete. É em nome desse desejo comum que o contrato homosocial se estabelece, fazendo com que ambas as personagens se submetam aos ditames do comportamento social que se espera de pessoas educadas. A relação de amizade entre Joel e o narrador não se abala, antes, reforça seus laços, ainda que mantendo uma hierarquia de poder que, de princípio, já fora estabelecida como parâmetro mínimo para os dois:

A saber: cancelaríamos a sessão de cinema, e com os fundos disponíveis atacariamos o sorvete de abacaxi.

Notei que outra coisa não desejava Joel, mas é da disposição do chefe, que muitas vezes prefere conceder por magnanimidade o que contava fazer de vontade própria. Na realidade, o chefe não concede nunca, mas parece estar sempre se dobrando; e assim cultivava ilusões inúteis. Meu desejo de trocar o cinema pelo sorvete era porém tão evidente, que Joel recebeu talvez satisfazer o seu de modo que parecesse capitulação real a um subordinado.¹³

Como já se tinha aludido antes, a autoridade de Joel sobre o narrador protagonista é um “fato”. Isso leva à consideração de uma relação de poder que pode estar sendo defendida pela voz narrativa, em função do pacto firmado entre o narrador e Joel. Aparentemente, trata-se apenas da combinação quase inocente de dois meninos do interior que perambulam pela cidade, maravilhados com suas novidades, e sua sedução. No entanto ousa afirmar que a autoridade de um sobre o outro é inquestionável e que esta se constitui num signo do já aludido pacto homosocial. Trata-se de um tipo muito conhecido

12. ANDRADE, 1988. p. 1153-1157.

13. ANDRADE, 1988. p. 1153-1157.

de “ritual da masculinidade” que afirma a voz do mais forte, como forma de referendar as decisões tomadas, falaciosamente, em nome do bem comum. Pierre Bourdieu pode, muito bem, ilustrar o que afirmo aqui:

Também sempre vi na dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento. Essa relação social extraordinariamente ordinária oferece também uma ocasião única de apreender a lógica da dominação, exercida em nome de um princípio simbólico conhecido e reconhecido, tanto prelo dominante quanto pelo dominado, de uma língua (ou uma maneira de falar), de um estilo de vida (ou uma maneira de pensar, de falar ou de agir) e, mais geralmente, de uma propriedade distintiva, emblema ou estigma, dos quais o mais eficiente simbolicamente é essa propriedade corporal inteiramente arbitrária e não predicativa que é a cor da pele.¹⁴

De certa forma, os dois cedem à sedução hedonista de uma mesma coisa: o sorvete. Eles são capazes de, em comum, abrir mão de um prazer pelo outro, desde que, juntos, possam desfrutá-lo. Estando no cinema, pensam no sorvete e decidem, em comum, sair e fazer a experiência do desconhecido: o sorvete de abacaxi: “A simples comparação de dois prazeres deteriora o que estamos desfrutando, e oferece o risco de corromper o segundo, se chegamos a atingi-lo, pela indisposição em que nos deixou a frustração do primeiro”.¹⁵

Nessa passagem, reafirma-se o poder de sedução que o sorvete exerceu sobre as duas personagens, fazendo com que, em comum, decidissem desistir do cinema para desfrutar a novidade do sorvete. É claro que o mesmo jogo de sedução se faz entre as personagens, mesmo quando o narrador afirma a superioridade de Joel, no papel de detentor do poder decisório, cedendo magnanimamente à demanda do desejo do outro. Aqui, pode-se constatar que seduzir é fazer figuras entre si, fazer jogar entre si signos roubados a sua própria armadilha.

14. BOURDIEU, 1999. p. 7-8.

15. ANDRADE, 1988. p. 1153-1157.

A sedução não é apenas o resultado de uma força de atração de corpos, de uma conjunção de afetos, de uma economia de desejo; é preciso que intervenha um engano e misture as imagens – o cartaz anunciando a novidade do sorvete de abacaxi –, é preciso que um detalhe junte coisas desunidas, como num sonho, ou de repente separe coisas indivisas. Jogo sem fim, ao qual os signos se prestam espontaneamente por uma ironia sempre disponível.

Nesse caso, dadas as circunstâncias da apresentação e caracterização da relação de amizade entre as duas personagens, não vejo como não admitir a efetividade do já referido “desejo homosocial”, cujo princípio homônimo estabelece as bases de um compromisso que envolve não apenas o comportamento social, mas os desejos individuais de cada uma delas. Evidentemente, numa direção outra, em relação ao poema, o conto aponta e reafirma a plausibilidade da leitura operacionalizada pelo princípio da homosociabilidade, no sentido estabelecido por Eve Kosofsky Sedgwick:

“Male homosocial”: the phrase in the title of this study is intended to mark both discriminations and paradoxes. “Homosocial desire”, to begin with, is a kind of oxymoron. “Homosocial” is a Word occasionally used in history and social sciences, where it describes social bonds between persons of the same sex; it is a neologism, obviously meant to be distinguished from “homosexual”. In fact, it is applied to such activities as “male bonding,” which may, as in our society, be characterized by intense homophobia, fear and hatred of homosexuality.¹⁶

É claro que a conceituação da autora abre espaço para discussões de cunho teórico que, por mais interessantes e pertinentes que sejam, não vão ser feitas aqui, por uma questão de espaço. No entanto, não se pode deixar de destacar o traço poético (no sentido etimológico do termo) que marca o conceito. Esse traço faz com que sua pertinência seja consolidada na leitura, tanto do conto quanto do poema de Drummond, provocando uma vinculação da ordem do hermenêutico. É nessa perspectiva que se deve tomar os dois textos aqui lidos. Ambos apresentam elementos que confirmam a potencialidade hermenêutica do conceito e, por isso mesmo, abrem novas possibilidades de interpretação do poema, sem necessariamente torcer-lhe a natureza; muito antes, aumentando consideravelmente a espessura de sua fortuna crítica, atualizando – como queria Jauss – sempre e mais a obra do poeta.

16. SEDGWICK, 1985. p. 1.

Seja na agilidade do vôo da águia que rapta Ganimedes, numa alegoria do rapto do sentido erótico que o poema suscita, seja no enrijecimento de padrões de comportamento que uma experiência inusitada provoca em dois garotos do interior em contato com as novidades da cidade grande, esse contrato homosocial é uma inegável articulação de desejos e discursos que provocam no leitor uma espécie de espanto que leva à percepção (afinal, uma forma de conhecimento, como queria Platão!) de nuances que a dicção literária é capaz de provocar num conjunto de elementos corriqueiros como as palavras. Estas constroem discursos que vão levar o leitor a mundos outros em que as aparentes verdades eternas se desfazem, pela ação de um olhar atento e, por que não, enviesado, apontando para detalhes outros, igualmente inusitados. Assim, trata-se, num plano mais geral, de um espanto que poderia ser chamado de o “paradoxo da doxa”, como anunciado por Pierre Bourdieu:

(...) o fato de que a ordem do mundo, tal como está, com seus sentidos únicos e seus sentidos proibidos, em sentido próprio ou figurado, suas obrigações e suas sanções, seja grosso modo respeitada, que não haja um maior número de transgressões ou subversões, delitos e “loucuras”.¹⁷

O autor, tratando de aspectos e representações do que se conhece por “dominação masculina, faz-se pertinente ao ser citado neste trabalho, uma vez que esse “masculino” é o objeto construído pela linguagem em ambos os textos. Numa relação dialética consigo próprio – seja na perspectiva do erotismo, seja na perspectiva do comportamento social – o masculino questiona e reafirma a instabilidade das chamadas “verdades eternas, a doxa, do autor citado. Os paradoxos constitutivos que fazem com que esse masculino esteja vivo e experimente uma crise não levam necessariamente à conclusão de que um modelo prevalece, mas, ao contrário, modelos são construídos à medida que olhares se enviesem, construindo caminhos outros de direcionamento da leitura.

Como acontece no conto, existe um exercício de dominação que, por um momento, parece natural. Joel, o mais velho, toma as decisões, ainda que subliminarmente dominado pela sedução do sorvete, manifestada pelo protagonista. No poema, Ganimedes se submete à dominação de Zeus, ainda que metamorfoseado em águia. Em ambos os casos, a dominação masculina aparece como instrumento de veiculação de um contrato homosocial,

17. BOURDIEU, 1999. p. 7.

responsável pelo desvelamento de relações não-superficiais, que ultrapassam a estreiteza dos padrões sociais vigentes. Isso leva a concordar com o que diz, mais uma vez, Pierre Bourdieu:

(...) o que é ainda mais surpreendente, que a ordem estabelecida, com suas relações de dominação, seus direitos e suas imunidades, seus privilégios e suas injustiças, salvo uns poucos acidentes históricos, perpetue-se apesar de tudo tão facilmente, e que condições de existência das mais intoleráveis possam permanentemente ser vistas como aceitáveis ou até mesmo como naturais.¹⁸

Carlos Drummond de Andrade oferece, aqui, dois dos muitos exemplos que a Literatura Brasileira produziu, a partir dos quais o exercício da leitura pode ser realizado sob a perspectiva de uma hermenêutica do homossocial. Enquanto prática de recepção de textos, essa leitura amplia os horizontes de expectativas da própria obra do poeta, atualizando essa mesma obra, numa visada outra que sai do lugar comum, ousando vãos mais amplos e abrangentes. A crítica que se constrói a partir dessa leitura é causar, no próprio leitor, a impressão de estar, finalmente, diante da verdade sobre a constante mescla de sofrimento banal e humor trágico que caracteriza a existência humana. Ainda que essa verdade seja sempre revisitada, reconstruída, modificada.

18. BOURDIEU, 1999. p. 7.

Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/poslit>

Abstract: The poetry and Drummond's prose are, constantly, revisited in the intention of accomplishing the most several readings. Two texts especially call me here the attention, the short story "O sorvete" and the poem "Rapto". In both it is possible "to read" the theoretical-interpretative homossocial principle operacionality, as one more vector of the already author's vast critical fortune. Sever and circumspect by nature, the poet built a poetic persona that is far away from referred the referred principle explicitation, while he fears of a poetic and fictional "accomplishment" in your texts. However, the same lyricism that is already recognized by the critic makes to renew the possible senses of the Drummond's text, in the perspective of the literary reception. The literary historiography sees like this meditated, once again, the demand of it self's canons re-reading, doing with that the critical-interpretative exercise is practiced, increasing elements already differentiated to the author's varied critical fortune.

Key words: poetry, historiography, readings.

R e f e r ê n c i a s B i b l i o g r á f i c a s

- ALIAGA, Juan Vicente; CORTÉS, José Miguel G. *Identidad y diferencia: sobre la cultura gay em España*. Barcelona: Editorial Gay y Lesbiana, 1997.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia e prosa*. 6. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988.
- BAUDRILLARD, Jean. *Da sedução*. Trad. Tânia Pellegrini. Campinas: Papirus, 1991.
- BLOOM, Harold. *Como e porque ler*. Trad. José Roberto O'Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. 32. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1999.
- BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1989. v. 2.
- CARPEAUX, Otto Maria. *Origens e fins*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1943.
- COSTA, Jurandir Freire. *A face e o verso: estudos sobre o homoerotismo II*. São Paulo: Escuta, 1995.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- MOSSE, George L. *The image of man: the creation of modern masculinity*. Oxford: Nova York: Oxford University Press, 1996.
- NOLASCO, Sócrates. *O mito da masculinidade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- PARKER, Richard G. Masculinity, femininity and homosexuality: on the anthropological interpretation of sexual meanings in Brazil. *Journal of Homosexuality*, v.11, n.3/4, p. 155-163, 1985.

Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/poslit>

_____. Bodies and pleasures: on the construction of erotic meanings in contemporary Brazil. *Anthropology and Humanism Quarterly*, v. 14, n. 2, p. 58-64, 1989.

_____. Youth, identity and homossexuality: the changing shape of sexual life in contemporary Brazil. *Journal of homossexuality*, v. 17, n. 3/4, p. 269-289, 1989.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. *Between men*: English literature and male homosocial desire. New York: Columbia University Press, 1985.

SMITH, Nicholas H. *Strong hermeneutics*: contingency and moral identity. London: New York: Routledge, 1997.